

## AVALIAÇÃO EM LARGA ESCALA: MECANISMO INDUTOR DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL?

Dora Fonseca

Departamento de Educação e Psicologia – Universidade de Aveiro | Vogal da Assembleia Geral do FPAE

A globalização enquanto fenómeno homogeneizante tem vindo a marcar, nestes últimos tempos, o campo das políticas educacionais nos diferentes países da Europa. A política educativa nacional está dependente das “produções” e decisões de entidades supranacionais que, hoje, influenciam, claramente, os “caminhos” a seguir ao nível da gestão educativa. As organizações supranacionais, lideradas pelos países centrais da Europa, “ditam” as regras e estabelecem as linhas orientadoras levando a que, de certa forma, alguns países, os periféricos, fiquem numa posição de dependência e subordinação em relação a um centro instituído. Os múltiplos instrumentos/documentos produzidos por entidades transnacionais e as respetivas recomendações determinam a “agenda global da educação”.

A investigação na área das ciências da educação tem vindo a revelar que a educação se tornou refém de princípios economicistas e se instrumentalizou ao serviço do mundo mercantil. As avaliações em larga escala são exemplo de instrumentos que induzem a competição e “alimentam” lógicas de ação de natureza economicista. Sabemos que nestes últimos tempos, fruto da propagação de políticas neoliberais, e, consequentemente, do desenvolvimento da faceta mercantil da educação, as formas de *accountability* baseadas em exames e testes standardizados têm vindo a

ganhar terreno no panorama internacional e, claro, internamente, nos diferentes países, por efeito das regulações supranacionais.

Poder-se-ia dizer que estamos a viver uma época conhecida no mundo académico como o “comparativismo globalizador” caracterizada pelo papel central de especialistas que se dedicam e hipervalorizam os processos de avaliação comparativa com a tónica em processos/registos de natureza quantitativa. A forte tendência para tornar mensurável o processo educativo acaba por contribuir para o desenvolvimento de um “terreno fértil” para a propagação de *rankings* educacionais. Contudo, esta tendência não nos parece que contribua francamente para o conhecimento e melhoria dos processos educacionais.



Os estudos que resultam de avaliações em larga escala pouco têm contribuído para estudar os diferentes processos educativos (a sua complexidade e especificidades) no sentido de operar transformações ou melhorias de forma contextualizada. Como têm vindo a mostrar várias vozes da investigação em educação, os estudos de avaliação em larga escala têm servido, especialmente, para legitimar determinadas políticas educativas reforçando uma “agenda globalmente estruturada” para a educação numa perspetiva económica da educação e não numa lógica emancipatória e de natureza sociocomunitária.

A obsessão pela *comparação*, pelos *resultados comprováveis*, pela *eficácia e eficiência*, pela *excelência e performatividade* é um problema atual na educação pois, em prol do *mito* da objetividade e do rigor, são feitas leituras globais, muitas vezes de forma fragmentada e descontextualizada. Reforçamos, ainda, a ideia de que os estudos de avaliação em larga escala têm vindo a contribuir para o desenvolvimento de processos hegemónicos e homogeneizantes conduzindo a que em cada país se implementem medidas “avulsas” e, muitas vezes, incongruentes entre si e descontextualizadas. Assim, o grande desafio que se impõe será o desenvolvimento de mecanismos que problematizem a educação e que conduzam a mudanças positivas, em consonância com as perspetivas democráticas e emancipatórias dos sujeitos, valorizando as suas diferenças culturais e os seus interesses que emergem, naturalmente, nos diferentes contextos, em sintonia com o mundo multicultural.